

Leïla Slimani

O país dos outros



A primeira vez que visitou a quinta, Mathilde pensou: «É demasiado longe.» Inquietava-a, ficar tão isolada. Na altura, em 1947, não tinham automóvel e haviam percorrido os vinte e cinco quilómetros que os separavam de Meknès numa velha carroça, conduzida por um cigano. Amine não ligava ao desconforto do banco de madeira, nem à poeira que fazia a sua mulher tossir. Só tinha olhos para a paisagem e estava impaciente por chegar às terras que o pai lhe confiara.

Em 1935, depois de anos de trabalho como tradutor do exército colonial, Kadour Belhaj comprara aqueles hectares de terra pedregosa. Contara ao filho o seu desejo de os transformar numa próspera exploração que pudesse alimentar várias gerações de crianças Belhajs. Amine lembrava-se do olhar do pai, da voz que não lhe tremia quando expunha os seus projectos para a quinta. Jeiras de vinhas, explicara ele, e hectares inteiros reservados aos cereais. Na parte mais ensolarada da colina, teriam de construir uma casa, rodeada de árvores de fruto e de algumas áleas de amendoeiras. Kadour orgulhava-se de que aquela terra fosse sua. «A nossa terra!» Pronunciava essas palavras não ao estilo dos nacionalistas ou dos colonos, em nome de princípios morais ou de um ideal, mas enquanto proprietário feliz com o seu legítimo direito.

O velho Belhaj queria ser enterrado ali e que ali fossem enterrados os seus filhos, que aquela terra o alimentasse e acolhesse a sua última morada. Mas morreu em 1939, quando o filho se alistara no regimento dos sipaios e usava com orgulho o albornoz e o saruel. Antes de ir para a frente de combate, Amine, primogénito e a partir de então chefe de família, arrendou a propriedade a um francês originário da Argélia.

Quando Mathilde perguntou de que morrera o sogro que ela não chegara a conhecer, Amine levou a mão à barriga e baixou a cabeça, em silêncio. Mais tarde, Mathilde soube o que acontecera. Kadour Belhaj sofria, desde o seu regresso de Verdun, de dores de barriga crónicas e nenhum curandeiro marroquino ou europeu conseguira aliviá-lo. Ele, que se gabava de ser um homem racional, orgulhoso da sua educação e do seu dom para as línguas estrangeiras, arrastara-se, coberto de vergonha e desespero, até à cave de uma *chouafa*. A feiticeira tentara convencê-lo de que estava embruxado, de que alguém lhe queria mal e aquela dor era obra de um temível inimigo. Ela dera-lhe uma folha de papel dobrada em quatro, que continha um pó amarelo-açafrão. Nessa mesma noite, ele bebera a mezinha diluída em água e morrera no espaço de poucas horas, num sofrimento atroz. A família não gostava de falar nisso. Tinha vergonha da ingenuidade do pai e das circunstâncias da sua morte, porque o venerável oficial esvaziara as entranhas no pátio de casa, a sua jilaba branca ensopada de merda.

Naquele dia de Abril de 1947, Amine sorriu a Mathilde e apressou o condutor, que esfregava os pés sujos e descalços um no outro. O camponês chicoteou a mula com mais vigor e Mathilde sobressaltou-se. A violência do cigano revoltava-a. Ele estalava a língua, «tla», e fazia cair o chicote

na garupa esquelética do animal. Era Primavera e Mathilde estava grávida de dois meses. Os campos cobriam-se de margaridas, malvas e borragens. Um vento fresco agitava as hastes dos girassóis. De cada lado da estrada, encontravam-se as propriedades dos colonos franceses, ali instalados há vinte ou trinta anos e cujas plantações se estendiam numa suave inclinação, até ao horizonte. A maioria vinha da Argélia e as autoridades tinham-lhes concedido as melhores terras, as mais extensas. Amine esticou um braço e pôs a outra mão como uma pala sobre os olhos, para os proteger do sol do meio-dia e poder contemplar a vastidão que se lhe oferecia. Com o indicador, mostrou à mulher uma área de ciprestes que cingia a propriedade de Roger Mariani, que fizera fortuna na produção de vinho e criação de porcos. Da estrada, não se via a casa senhorial, nem sequer as jeiras de vinhas. Mas Mathilde não tinha dificuldade nenhuma em imaginar a riqueza daquele agricultor, riqueza que a enchia de esperança acerca do seu próprio destino. A paisagem, de uma beleza serena, lembrava-lhe uma gravura pendurada por cima do piano, em casa do seu professor de música, em Mulhouse. Lembrou-se da explicação que ele lhe dera: «É na Toscana, *mademoiselle*. Talvez, um dia, vá a menina a Itália.»

A mula deteve-se e pôs-se a pastar a erva que brotava na berma do caminho. Não fazia tenção nenhuma de galgar a subida íngreme que tinha pela frente, repleta de pedregulhos brancos. Furioso, o condutor endireitou-se e cobriu o animal de insultos e de golpes. Mathilde sentiu as lágrimas subirem-lhe às pálpebras. Tentou conter-se, colou-se ao marido, que achou aquela demonstração de ternura inapropriada.

— Que é que tens? — perguntou Amine.

— Diz-lhe para parar de bater na coitada da mula.

Mathilde pousou a mão no ombro do cigano e fitou-o, como uma criança que tenta apaziguar um progenitor furioso. Mas o condutor redobrou a violência. Cuspiu para a terra, levantou o braço e disse:

— Também queres levar com o chicote?

O estado de espírito mudou e a paisagem, também. Chegaram ao cimo de uma colina com os flancos áridos. Já não havia flores, nem ciprestes, apenas umas quantas oliveiras que sobreviviam no meio das pedras. Aquele monte emanava uma sensação de esterilidade. Já não estavam na Toscana, pensou Mathilde, e sim no Faroeste. Desceram da carroça e encaminharam-se para uma casinha branca sem encanto nenhum, cujo telhado consistia de um vulgar pedaço de chapa metálica. Não era uma casa, antes uma curta fiada de pequenas pedras, escuras e húmidas. A única janela, rasgada no cimo da parede, para proteger o espaço da invasão de bicharada, deixava entrar uma luz ténue. Mathilde reparou, nas paredes, em grandes auréolas esverdeadas provocadas pelas últimas chuvadas. O antigo inquilino vivia sozinho; a mulher regressara a Nîmes depois de ter perdido um bebé e ele nunca pensara em fazer daquele edifício um lugar caloroso, passível de acolher uma família. Apesar da temperatura amena, Mathilde sentiu-se gelada. Os projectos que Amine lhe expunha enchiam-na de inquietude.

* * *

A mesma confusão apoderara-se dela quando aterrara em Rabat, no dia 1 de Março de 1946. Apesar do céu desesperadamente azul, apesar da alegria de reencontrar

o marido e do orgulho de ter escapado ao seu destino, sentira medo. Viajara durante dois dias. De Estrasburgo a Paris, de Paris a Marselha e, em seguida, de Marselha a Argel, onde embarcara num velho *Junkers* e pensara que ia morrer. Sentada num banco desconfortável, no meio de homens de olhar cansado pelos anos de guerra, tivera dificuldade em conter os gritos. Durante o voo, chorara, vomitara, rezara. Misturara-se-lhe na boca o sabor a bÍlis e a sal. Sentiu-se triste, não tanto por morrer por cima de África, mas pela ideia de aparecer no cais, onde o homem da sua vida a esperava, com um vestido amarrotado e manchado de vômito. Acabou por aterrar sã e salva e Amine lá estava, mais bonito do que nunca, sob o céu de um azul tão profundo, que parecia ter sido lavado com água abundante. O marido deu-lhe dois beijinhos nas faces, atento aos olhares dos outros passageiros. Pegou-lhe no braço de uma maneira que era, ao mesmo tempo, sensual e ameaçadora. Parecia querer controlá-la.

Apanharam um táxi e Mathilde encostou-se toda ao corpo de Amine, que finalmente ela sentiu tenso de desejo, faminto.

— Esta noite, vamos dormir a um hotel — anunciou ele, dirigindo-se ao taxista e, como se quisesse fazer prova da sua moral, acrescentou: — É a minha mulher. Acabámos de nos reencontrar.

Rabat era uma cidadezinha branca e soalheira, cuja elegância surpreendeu Mathilde. Contemplou com deleite as fachadas *art déco* dos edifícios do centro e colou o nariz ao vidro, para ver melhor as mulheres bonitas que passavam na place Lyautey, de luvas a condizer com os sapatos e o chapéu. Em toda a parte, havia obras, na rua e nos edifícios, diante dos quais homens andrajosos pediam

trabalho. Um grupo de freiras caminhava ao lado de duas camponesas carregadas com lenha às costas. Uma menina, de cabelo cortado à rapaz, ria em cima de um burro puxado por um homem negro. Pela primeira vez na vida, Mathilde respirava o vento salgado do Atlântico. A luz esmoreceu, tornou-se rosa e aveludada. Ela tinha sono e preparava-se para pousar a cabeça no ombro do marido, quando ele lhe anunciou que tinham chegado.

Não saíram do quarto durante dois dias. Ela, tão curiosa acerca dos outros e do exterior, recusou-se a abrir as portas. Não se cansava das mãos de Amine, da boca dele, do cheiro da sua pele, que, percebia agora, tinha que ver com o ar daquele país. Ele exercia sobre ela um verdadeiro feitiço e Mathilde suplicava-lhe que ficasse dentro de si o máximo de tempo possível, até quando iam dormir, até quando conversavam.

A mãe de Mathilde dizia que era o sofrimento e a vergonha que reavivavam a recordação da nossa condição de animais. Mas nunca ninguém lhe tinha falado daquele prazer. Durante a guerra, nos serões de desolação e tristeza, Mathilde masturbava-se na cama gelada do seu quarto, no andar de cima. Quando a sirene que anunciava as bombas soava, quando se começava a ouvir o zumbido de um avião, Mathilde corria, não para se salvar, mas para saciar o desejo. Sempre que tinha medo, ia para o quarto, cuja porta não fechava, mas ela estava-se nas tintas que alguém a apanhasse. De qualquer forma, as outras pessoas gostavam de se manter agrupadas em buracos ou em caves, queriam morrer juntas, como os animais. Deitava-se em cima da cama, e vir-se era a única maneira de acalmar o medo, de o domar, de não permitir que a guerra a controlasse. Deitada sobre os lençóis sujos, pensava nos homens

que em toda a parte atravessavam planícies, armados de espingardas, homens privados de mulheres, tal como ela estava privada de um homem. E, enquanto pressionava o sexo, imaginava a imensidão daquele desejo insaciado, aquela fome de amor e de posse que se apoderara da terra inteira. A ideia dessa lascívia infinita mergulhava-a num estado de êxtase. Lançava a cabeça para trás e, de olhos revirados, fantasiava que legiões de homens vinham ao seu encontro, a tomavam, lhe agradeciam. Para ela, medo e prazer confundiam-se e, nos momentos de perigo, era sempre aquele o seu primeiro pensamento.

Ao fim de dois dias e duas noites, Amine teve praticamente de a arrancar da cama, morta de sede e de fome, para que ela aceitasse sentar-se a uma mesa na esplanada do hotel. E até aí, enquanto o vinho lhe aquecia o coração, ela pensava no lugar que, em breve, Amine preencheria entre as suas coxas. Mas o marido assumira um ar sério. Devorou metade de um frango com as mãos e quis falar do futuro. Não subiu com ela para o quarto e melindrou-se quando Mathilde lhe sugeriu uma sesta. Por várias vezes, ausentou-se para fazer telefonemas. Quando ela lhe perguntou com quem falara e quando é que deixariam Rabat e o hotel, ele mostrou-se muito vago. «Vai correr tudo bem», dizia-lhe. «Vou resolver tudo.»

Ao fim de uma semana, depois de Mathilde ter passado a tarde sozinha, ele entrou no quarto, nervoso, contrariado. Mathilde cobriu-o de carícias, sentou-se ao colo dele. Amine molhou os lábios no copo de cerveja que ela lhe servira e disse:

— Tenho uma má notícia. Vamos ter de esperar uns meses para nos instalarmos na nossa propriedade. Falei com o inquilino e ele recusa-se a deixar a quinta antes

do fim do contrato. Tentei arranjar um apartamento em Meknès, mas ainda há muitos refugiados e nada para arrendar a um preço acessível.

Mathilde sentiu-se desamparada.

— E, então, que fazemos?

— Até lá, vamos viver para casa da minha mãe.

Mathilde levantou-se de um salto e desatou a rir.

— Estás a brincar, não estás? — Ela parecia considerar a ideia ridícula, hilariante. Como é que um homem como Amine, capaz de a possuir como fizera nessa mesma noite, podia dizer-lhe que iam viver para casa da mãe?

Mas Amine não achou graça à brincadeira. Ficou sentado, para não ter de suportar a diferença de altura entre a sua mulher e ele. Com voz gélida, os olhos fixos no chão de granilite, declarou:

— Aqui, é assim.

Ela ouviria aquela resposta muitas vezes. Nesse preciso instante, compreendeu que era uma estrangeira, uma mulher, uma esposa, um ser à mercê dos outros. Amine estava agora no seu território, era ele quem lhe explicava as regras, quem indicava o caminho a seguir, quem traçava as fronteiras do pudor, da vergonha e do decoro. Na Alsácia, durante a guerra, ele era um estrangeiro, um homem de passagem que devia ter uma postura discreta. Quando ela o conhecera, no Outono de 1944, servira-lhe de guia e de protectora. O regimento de Amine estava estacionado na sua aldeia, a uns quilómetros de Mulhouse, e tivera de esperar durante dias por ordens para avançar para leste. De todas as raparigas que rodearam o jipe no dia em que chegaram, Mathilde era a mais alta. Tinha ombros largos e barrigas das pernas à rapaz. O seu olhar era verde como a água das fontes de Meknès, e ela não tirou os olhos

de Amine. Durante a longa semana que ele esteve na aldeia, ela passeou com ele, apresentou-lhe os seus amigos e ensinou-lhe uns jogos de cartas. Ele tinha à vontade menos um palmo de altura do que ela e a pele mais escura que se possa imaginar. Era tão belo, que ela tinha medo de que lho tirassem. Medo de que ele fosse uma ilusão. Nunca sentira tal coisa. Nem com o professor de piano, quando ela tinha catorze anos. Nem com o seu primo Alain, que enfiava a mão debaixo do vestido dela e lhe roubava cerejas à beira do Reno. Mas ali chegada, à terra dele, sentiu-se desamparada.

* * *

Três dias depois, subiram para um camião cujo motorista aceitara levá-los a Meknès. Mathilde ficara incomodada com o cheiro do camionista e o mau estado da estrada. Por duas vezes, pararam na berma para ela poder vomitar. Pálida e exausta, com os olhos fixos numa paisagem na qual não via nem sentido, nem beleza, Mathilde foi inundada pela melancolia. «Tomara que este país», disse para si própria, «não me seja hostil. Será que, um dia, este mundo me será familiar?» Quando chegaram a Meknès, já era noite e uma chuvada glacial fustigava o pára-brisas do camião.

— É demasiado tarde para te apresentar a minha mãe — explicou Amine. — Vamos dormir para um hotel.

A cidade pareceu-lhe negra e hostil. Amine explicou-lhe a topografia, que respondia aos princípios definidos pelo marechal Lyautey, no início do protectorado. Uma separação estrita entre a almedina, cujos costumes ancestrais deviam ser preservados, e a cidade europeia, cujas

ruas exibiam nomes de cidades francesas e que se pretendia que fosse um laboratório da modernidade. O camião deixou-os no sopé da colina, na margem esquerda do rio Boufakrane, na entrada da cidade indígena. Aí vivia a família de Amine, no bairro de Berrima, mesmo em frente do bairro judeu. Apanharam um táxi para atravessarem o rio. Meteram por uma longa estrada a subir, bordejaram os campos de desporto e transpuseram uma espécie de zona-tampão, uma terra-de-ninguém que dividia a cidade em duas e onde a construção era proibida. Amine indicou-lhe Poublan, a base militar que se erguia sobranceira à cidade árabe e lhe vigiava todo e qualquer movimento.

Instalaram-se num hotel decente e o rececionista examinou, com precauções de funcionário público, os documentos deles e a certidão de casamento. Na escada que levava ao quarto, quase se envolveram numa discussão, porque o paquete teimava em falar árabe com Amine, que se lhe dirigia em francês. O adolescente olhava para Mathilde com desconfiança. Ele, que era obrigado a apresentar às autoridades um papelinho para provar que tinha o direito de andar pelas ruas da cidade à noite, sentia rancor de Amine por dormir com o inimigo e poder circular em liberdade. Assim que pousaram as bagagens no quarto, Amine voltou a vestir o casaco e a pôr o chapéu.

— Vou cumprimentar a minha família. Não demoro.
— Não lhe deu tempo de responder, fechou a porta com força e ela ouviu-o descer a escada a correr.

Mathilde sentou-se na cama, com as pernas puxadas para o tronco. Que fazia ela ali? A culpa era toda sua e da sua vaidade. Fora ela quem quisera viver uma aventura, quem embarcara, fanfarrona, naquele casamento cujo exotismo suscitava inveja nas suas amigas de infância. Agora,

às tantas, era objecto de uma zombaria qualquer, de uma traição qualquer. Talvez Amine tivesse ido ao encontro de uma amante. Talvez até fosse casado, já que, como o pai lhe dissera com um esgar aborrecido, os homens dali eram polígamos. Talvez estivesse a jogar cartas num café a uns passos do hotel, gabando-se aos amigos de se ter esquivado à companhia da sua mulher chata. Ela começou a chorar. Tinha vergonha de ceder ao pânico, mas já era de noite e não sabia onde estava. Se Amine não voltasse, ficaria completamente perdida, sem dinheiro, sem amigos. Nem sequer sabia o nome da rua onde estavam hospedados.

Quando Amine regressou, pouco antes da meia-noite, ela ali estava, desgrenhada, com o rosto vermelho e desfeito. Demorara a abrir-lhe a porta, tremia, e ele pensou que tinha acontecido alguma coisa. Ela lançou-se para os braços dele e tentou explicar o seu medo, a sua nostalgia, a angústia louca que se abatera sobre si. Ele não compreendia, e o corpo da sua mulher, agarrada a ele, pareceu-lhe horrivelmente pesado. Puxou-a para a cama e sentaram-se lado a lado. Amine tinha o pescoço molhado de lágrimas. Mathilde acalmou-se, a sua respiração abrandou, ela fungou várias vezes e Amine deu-lhe um lenço que levava escondido na manga. Acariciou-lhe lentamente as costas e disse-lhe:

— Não te armes em criancinha. Agora és minha mulher. A tua vida é aqui.

Passados dois dias, instalaram-se na casa de Berrima. Nas ruelas estreitas da cidade velha, Mathilde agarrou-se ao braço do marido, tinha medo de se perder naquele labirinto, onde uma multidão de comerciantes se acotovelava, onde os vendedores de legumes apregoavam os seus produtos. Por trás da pesada porta de casa, guarnecida

com pregos, a família esperava-a. A mãe, Mouilala, estava de pé, no meio do pátio. Vestia um elegante cafetã de seda e cobrira os cabelos com um lenço verde-esmeralda. Para a ocasião, tirara da sua arca de cedro jóias antigas de ouro; pulseiras de tornozelo, uma pregadeira gravada e um colar tão pesado, que o seu corpo franzino estava ligeiramente curvado para a frente. Quando o casal entrou, ela lançou-se sobre o filho e abençoou-o. Sorriu para Mathilde, que lhe pegou nas mãos e contemplou aquele belo rosto escuro, aquelas faces que tinham enrubescido ligeiramente.

— Ela diz «seja bem-vinda» — traduziu Selma, a irmã mais nova, que acabava de fazer nove anos. Pusera-se à frente de Omar, um adolescente magro e taciturno, que manteve as mãos atrás das costas e os olhos baixos.

Mathilde teve de se habituar àquela vida com todos ao monte, àquela casa onde os colchões estavam infestados de percevejos e parasitas, onde uma pessoa não podia proteger-se dos barulhos do corpo e das ressonadelas. A cunhada entrava-lhe pelo quarto dentro sem avisar e atirava-se para cima da sua cama, repetindo as poucas palavras que aprendera em francês na escola. À noite, Mathilde ouvia os gritos de Jalil, o irmão mais novo, que vivia trancado no andar de cima, tendo por única companhia um espelho que ele nunca perdia de vista. Fumava *sebsi*¹ sem parar e o cheiro a erva espalhava-se pelo corredor e deixava-a tonta.

Durante o dia inteiro, hordas de gatos arrastavam os seus perfis esqueléticos no pequeno jardim interior, onde uma bananeira coberta de pó tentava a custo não morrer.

¹ Cachimbo marroquino. (*N. da T.*)

Ao fundo do pátio, havia um poço, do qual a empregada, uma antiga escrava, tirava água para as lidas da casa. Amine dissera-lhe que Yasmine vinha de África, talvez do Gana, e que Kadour Belhaj a comprara para a sua mulher no mercado de Marraquexe.

Da aclamada autora franco-marroquina Leïla Slimani, uma atmosférica e inquietante saga familiar que põe em relevo uma mulher enredada entre duas culturas, dividida entre a dedicação à família e o amor à liberdade com que cresceu.

Em 1944, Mathilde, uma jovem alsaciana, apaixona-se por Amine, um oficial marroquino que combate no exército francês durante a Segunda Guerra Mundial. Terminada a guerra, o casal muda-se para Marrocos e instala-se perto de Meknés. Amine dedica-se a recuperar a quinta herdada do pai, tentando arrancar frutos de uma terra pedregosa e estéril. Enquanto isso, Mathilde começa a sentir o jugo dos costumes conservadores do novo país, tão sufocante quanto o seu clima. Nem a maternidade apaga a solidão que sente no campo, longe de tudo, num lugar que não é o seu e a verá sempre como estrangeira.

A par e passo do drama familiar, ribombam a tensão e a violência que desemboçarão, em 1956, na independência de Marrocos, país onde todos parecem viver no «país dos outros» e onde as mulheres, cercadas no país dos homens, têm de lutar a cada novo dia por um lugar, por uma voz. No centro do fogo cruzado de um país em plena transformação, Mathilde e Amine enfrentam o drama da ruptura dentro da própria família.

Depois do sucesso de *Canção doce*, que arrecadou o Prémio Goncourt e conquistou mais de um milhão de leitores em cinquenta países, Leïla Slimani confirma a sua impressionante capacidade narrativa e compreensão da alma humana nesta saga familiar tão devastadora quanto verdadeira, inspirada na história da sua avó.



GRAND PRIX DE L'HÉROÏNE MADAME FIGARO

«O mundo deste romance — Marrocos depois da Segunda Guerra Mundial, e a luta pela libertação do colonialismo francês — está magistralmente criado. A vida pessoal, a vida social, a vida de todos os dias saltam da página, plenos de vivacidade, e sentimos as dores da família apanhada no meio do conflito da História. Um romance excepcional e poderoso, de uma escritora justamente aclamada.»

SALMAN RUSHDIE

«Um verdadeiro triunfo.»

Le Monde



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfguaraeditora

@ X penguinlivros

ISBN 9789897876066



9 789897 876066 >